

BOSI, A. (org.). *Araripe Júnior: Teoria, crítica e história literária*, São Paulo, EDUSP/Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978 (Cap. "Os Sertões" e "Dois estilos").

CUNHA, E. *Os Sertões*, Rio de Janeiro, Ed. Aguilar, 2 vol., 1995.

DELILLE, K.H. et al. *Problemas da Tradução Literária*, Coimbra, Almedina, 1986.

LARANJEIRA, M. *Poética da tradução: do sentido à significância*, São Paulo, EDUSP, 1993.

LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1948.

MARTINS, N.S. *História da Língua Portuguesa – séc. XIX*, tomo V, São Paulo, Ática, 1988.

TORRE, E. *Teoría de la Traducción Literária*, Madrid, Ed. Síntesis, 1994.

*RESENHAS*

**Marie Luise THEIN, Die informationelle Struktur im Englischen: Syntax und Information als Mittel der Hervorhebung.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag 1994 (*Linguistische Arbeiten* 323, 227 pág., DM 106,00, ISBN 3-484-30323-9)

O grande sonho e objetivo maior da ciência é o de descrever e sistematizar os fenômenos do mundo físico ou social de modo que o homem consiga saber como e por que as coisas são como são. Infelizmente, para desespero dos cientistas, muitas vezes o que funciona sem problemas na realidade parece fugir ao alcance dos modelos teóricos existentes. Isto tende a acontecer com grande freqüência nas ciências humanas, nas quais o pesquisador é ao mesmo tempo observador e objeto de sua pesquisa. Desse modo, as questões que ele persegue são determinadas por sua própria vivência das mesmas, o que o obriga a definir e sistematizar conceitos que interagem tão complexamente, a ponto de não poderem ser totalmente isolados. A lingüística não foge a esse destino, e tal dificuldade de distanciamento pode ser muito bem observada no caso do estudo da estrutura informacional de textos e frases.

Desde que a fala (e, posteriormente, a escrita) surgiu, os falantes têm organizado as informações que pretendem transmitir a seus interlocutores de modo a conseguir o maior sucesso possível no que se refere à sua intenção comunicativa, seja ela de informar, convencer ou mesmo desnortear o interlocutor. Se todos os falantes são capazes de fazê-lo instintivamente, por que é tão difícil, então, analisar os mecanismos que regem tal estrutura?

Marie Luise THEIN propõe-se a analisar um desses mecanismos, a estrutura informacional de sentenças, tomando por base a língua inglesa. A autora define estrutura informacional como a forma de apresentação da informação. Partindo da concepção de texto como uma seqüência de diversas unidades informacionais, THEIN elege o **enunciado** (al.: *Äußerung*) como a menor unidade informativa, que corresponde normalmente a uma oração, em nível sintático, e a um grupo tonal (al.: *Tonstrecke*), em nível da entonação (cf. p. 1).

O interesse pelo sistema de estruturação da informação no âmbito da sintaxe tem uma longa história. Há tempos, diversos linguistas têm procurado desvendar seus mecanismos, partindo inclusive de hipóteses diversas sobre o caráter e funcionamento da matéria-prima básica da estrutura informacional, ou seja, a linguagem. As discrepâncias entre os mais significativos modelos propostos até o momento e a dificuldade de estabelecer critérios objetivos para a definição dos conceitos básicos da estrutura informacional são expostas muito claramente por THEIN na primeira metade do livro. Os quatro primeiros capítulos da obra fazem uma retrospectiva histórica comentada do estudo da estruturação de informações em nível da frase, examinando quatro diferentes modelos de abordagens do assunto, a saber, os modelos da Perspectiva Funcional da Oração (al.: *Funktionale Satzperspektive*), da Gramática Gerativa, o modelo de HALLIDAY e o da CGEL (*Comprehensive Grammar of the English Language*).

A autora começa pelos estudos de MATHESIUS, pertencente ao Círculo Lingüístico de Praga, na década de 30. Interessado na razão de, dentro de uma mesma língua, haver a possibilidade de estruturas alternativas para apresentação de um mesmo conteúdo, MATHESIUS iniciou, segundo a autora, os estudos que dariam origem ao modelo da Perspectiva Funcional da Oração (al.: *Funktionale Satzperspektive*). MATHESIUS partiu da noção de que cada enunciado contém sempre duas partes: um objeto, do qual se fala, e uma asserção sobre esse objeto. A esses elementos, denominou **Tema** e **Rema**, ou **Base** e **Núcleo** de um enunciado (cf. p.10), sendo que **Tema** é a informação contextualmente conhecida, que ancora a informação principal do enunciado, apresentada no **Rema**. Com base nas idéias de MATHESIUS, Jan FIRBAS desenvolveu o conceito do Dinamismo Comunicativo (DC) (ing.: *communicative dynamism*, al.: *kommunikative Dynamik*), segundo o qual os elementos de uma oração seriam organizados de acordo com seu valor em uma escala de contribuição para o desenvolvimento da comunicação. A distribuição básica dentro da oração seria organizada partindo-se do **Tema** (o elemento com menor valor de DC, ao início da oração) para o **Rema** (o elemento com maior valor de DC, ao final da oração – cf. p.20). Os mesmos princípios norteariam o modelo da Articulação Tópico/Comentário (ing.: *Topic-*

*Comment-Articulation*), na qual o **Tópico** são elementos conhecidos do interlocutor, e o **Comentário**, os elementos que modificariam tal conhecimento (cf. p. 34-35).

O principal argumento da autora para contestar esses modelos teóricos é o fato de serem baseados unicamente em estudos da língua escrita (conseqüentemente ignorando a entonação) e em argumentações construídas apenas sobre sentenças isoladas, criadas pelos pesquisadores. Já no modelo da Gramática Gerativa, a entonação é considerada como um meio para sinalizar o **Foco** da sentença, denominação dada, segundo a autora, àquilo que os modelos anteriores denominam **Rema**, mas o modelo fracassa, segundo THEIN, por falhas em sua concepção de entonação (cf. p. 64 e 215) e pelo fato de apoiar-se apenas em sentenças hipotéticas, desprovidas de contexto.

Este problema é sanado no modelo de HALLIDAY, que se baseia em sentenças contextualizadas e dá grande importância à entonação. HALLIDAY propõe a diferenciação entre a **Tematização** (al.: *Thematisierung*), que estuda os efeitos da sintaxe sobre a estruturação da frase, e a **Estrutura Informacional** (al.: *Informationsstruktur*), que estuda os efeitos da entonação sobre a organização do grupo tonal. THEIN considera tal separação como artificial, pois argumenta que tanto a sintaxe como a entonação atuam concomitantemente sobre a estruturação da frase e seus efeitos devem ser estudados em conjunto, porém considera a proposta de HALLIDAY como mais avançada, principalmente no que diz respeito ao seu modelo de entonação (cf. p. 81-82).

O modelo da CGEL, fortemente influenciado por HALLIDAY, é considerado pela autora como uma soma dos três modelos anteriormente apresentados e que consegue descrever a estrutura informacional por meio da entonação, considerando, porém, também a sintaxe no caso de construções marcadas (as quais têm, além de suas funções informacionais, também funções discursivas). Sua pesquisa baseia-se neste modelo, o qual apresenta um sistema entonacional bastante rico e detalhado, o qual, segundo a variação relativa da altura do tom (ing.: *pitch prominence*), estabelece o conceito de **destaque** (al.: *Hervorhebung*), define **rema** como o **centro de destaque** (al.: *Hervorhebungszentrum* – cf. p. 94) e diferencia os efeitos causados pela combinação dos tons ascendente e descendente.

Como crítica principal aos modelos anteriores ao da CGEL, THEIN aponta o fato de as categorias não serem definidas a partir de características formais, mas sim a partir de diferentes construções lógicas definidas *a priori*, muitas vezes misturando indiscriminadamente critérios formais, semânticos e comunicativos. O segundo ponto crítico seria o pouco valor dado à língua falada e ao papel da entonação na estruturação das informações.

Durante a argumentação, a autora persegue seus objetivos com clareza, porém, peca por dois motivos: em primeiro lugar, o excesso de detalhes faz com que leitores que não sejam grandes conhecedores das teorias citadas pouco possam aproveitar da argumentação; em segundo lugar, as críticas por muitas vezes carecem de objetividade, amontoando-se comentários subjetivos (como *unsinnig*, *unbrauchbar* entre outros), que, além de não acrescentarem nada ao pesquisador interessado na crítica da teoria, imprimem à primeira parte da obra um estilo pesado, desagradável e redundante, inclusive pela exaustiva repetição de determinados argumentos, a fim de rechaçar as idéias com as quais não concorda, o que muitas vezes desestimula o leitor a prosseguir a leitura. Caso este seja, porém, persistente, será recompensado ao iniciar o capítulo 4, a partir do qual o estilo se torna mais fluente e objetivo, à medida que a autora passa a detalhar o modelo que lhe forneceu o embasamento teórico para seu trabalho, exposto nos capítulos seguintes.

A segunda parte do livro apresenta, de maneira muito precisa, o modelo proposto por THEIN para a descrição da estrutura informacional no inglês, baseado na sua constatação de que a estrutura informacional não é uma grandeza idealizada, mas sim uma estruturação de enunciados formalmente palpável, criada através da entonação e da sintaxe (cf. p. 216). Para tanto, dedica o capítulo 5 a uma descrição de como a escolha de uma estrutura sintaticamente marcada afeta a estruturação da informação e o capítulo 6 à proposta de um novo instrumental para a definição dos conceitos de **tema** e **rema**, baseado na entonação e distanciado de seus conceitos semânticos ou psicológicos tradicionais, os quais, segundo a autora, não são compatíveis com os dados empíricos (cf. p. 216-217).

O capítulo sobre o papel da sintaxe como fator da estrutura informacional é muito claro e detalhado, analisando, com grande riqueza de

exemplos, casos de construções sintáticas como a topicalização (al.: *Frontstellung*), o anacoluto, as orações clivadas e pseudoclivadas (al.: *Spaltsatz- und Pseudospaltsatzkonstruktion*), a extraposição, a diatese, o deslocamento à direita e construções com *there* e *eventive object*, entre outros. Decisivo para a compreensão do papel de tais construções dentro da estrutura informacional é o seu caráter de formas marcadas, ou seja, variações de uma construção neutra, considerada como norma, e a constatação de que tal variação não está necessariamente ligada à estruturação da informação em nível da frase, servindo muitas vezes, por exemplo, a propósitos da organização textual.

No capítulo sobre o papel da entonação na estrutura informacional, a autora parte da revisão de diversas propostas de modelos e notações de entonação (principalmente os de CHAFE, BOLINGER e COUPER-KUHLEN), culminando com a decisão de que a **curva entonatória** (al.: *Tonhöhenbewegung*) e a **tonicidade** (al.: *Betonung*) têm caráter fonológico, ou seja, diferenciador de significado. As duas principais curvas entonatórias, os **tons ascendente** (al.: *Steigton*) e **descendente** (al.: *Fallton*), teriam a função de caracterizar as informações que apresentam respectivamente como completas ou incompletas, ou seja, sinalizariam o seu caráter de dependência ou não do co-texto (al.: *Verbindlichkeit/Unverbindlichkeit* – cf. p. 152-153). Como ilustração, podemos citar a diferença entre dois exemplos apresentados à página 149:

*I'm not going to buy anything* \ [descendente, informação completa]  
*I'm not going to buy anything!* [ascendente, informação incompleta]  
(*but only quality* – possível continuação)

Quanto à tonicidade, a autora define três formas básicas: **acento primário**, **acento secundário** e **não-acentuado** (al.: *stark betont*, *schwach betont* e *unbetont*). Com base na combinação da curva entonacional e da tonicidade, THEIN define seu modelo de estrutura informacional, considerando como **rema** o elemento mais destacado na entonação (devido à combinação do acento primário e de um tom ascendente ou descendente, configurando, assim, o que a autora denomina **centro de destaque** – al. *Hervorhebungszentrum*) e como **tema** o

elemento com acento secundário. Entre esses pólos haveria ainda a possibilidade de outros elementos com caráter mais ou menos remático ou temático, ou ainda não-significativo em termos informacionais. Tal sistema de valores informacionais é sistematizado como segue (cf. pg. 157 e 219):

Valor informacional	Entonação
Rema ou Ápice Informacional (al.: <i>Rhema oder Sinnspitze</i> )	acento primário, descendente acento primário, ascendente
remático	acento primário
temático	acento secundário
não-significativo informativamente	não acentuado

Toda a argumentação que leva a tal resultado é muito rica em discussão de exemplos, tanto hipotéticos como autênticos, retirados de textos escritos e falados. É especialmente interessante a proposta de THEIN, de que também textos escritos têm uma entonação, ao menos latente (cf. p. 7). Ao final do capítulo sobre o papel da entonação, a autora apresenta também outros fatores que a influenciam, além da estruturação da informação, como classes de palavras, estrutura argumentativa do texto e ênfase, entre outros.

De posse do modelo proposto nos capítulos anteriores, THEIN apresenta, na última parte do livro e a título de ilustração, a análise de um texto escrito e de dois textos orais quanto às funções informacionais da sintaxe e da entonação. Apesar de minuciosa e abrangente, a análise apresentada acaba por ser um tanto frustrante face à profundidade da discussão teórica, pois, na maioria dos casos, limita-se a descrever a forma sintática marcada adotada ou a localização do centro de destaque, sem maiores especulações sobre o objetivo ou o efeito de seu uso no texto.

Em uma visão geral, podemos dizer que o livro de THEIN apresenta contribuições importantes para o estudo da estrutura informacional em nível da frase, ao enfatizar categoricamente a importância da entonação e do contexto para o estudo da organização informacional, ao priorizar o estudo de enunciados autênticos contextualizados e ao pleitear uma firme separação de critérios sintáticos, semânticos e paralingüísticos na definição dos conceitos básicos para a descrição da estrutura informacional.

Leitores interessados em estudos sobre entonação e formas sintáticas marcadas poderão também encontrar material interessante para seus estudos. De grande importância é o reconhecimento de que tanto a sintaxe como a entonação influenciam a estrutura informacional, por vezes atuando em conjunto e, em outras, de modo independente ou mesmo conflitante, de acordo com fatores pragmáticos ou referentes à organização textual. O conceito de **rema** como centro de destaque entonacional é certamente muito valioso para o estudo do uso de formas sintáticas marcadas. A obra como um todo é uma boa fonte de bibliografia e de comentários sobre estudos da estrutura informacional, inclusive pela detalhada perspectiva histórica apresentada, o que torna o livro interessante tanto para especialistas como para iniciantes no assunto. Porém, estes últimos poderão ter o seu aproveitamento da obra dificultado pela extensa discussão de grande número de aspectos relativos ao tema. Para eles, contudo, a leitura dos ótimos resumos a cada final de capítulo poderá ser o suficiente para obterem uma visão geral da problemática da estrutura informacional. Um outro problema é a grande quantidade de erros de impressão (falta ou repetição de letras ou mesmo palavras inteiras, discrepâncias na numeração de exemplos e inclusive a grafia incorreta de nomes de autores), os quais dificultam a compreensão, embora sem prejudicarem o valor da contribuição da obra para o estudo de um assunto tão controverso.

*Selma M. Meireles, Área de Alemão, USP*